

ESPECIAL

Diálogo com Machado de Assis sobre o Senado

(De 1860 a 2001)

A atração pelo mundo das câmaras atravessa a biografia de Machado de Assis, e ganha o seguinte registro, feito em 1892:

Um de meus velhos hábitos é ir, no tempo das câmaras, passar as horas nas galerias. Quando não há câmaras, vou à municipal ou intendência, ao júri, onde quer que possa faltar o meu amor dos negócios públicos, e mais particularmente da eloquência humana. (A Semana, 27/11/1892).

Transitar das desagradáveis cenas que têm caracterizado os trabalhos e os dias do Senado-2001 para os registros machadianos do Senado-1860 pode sugerir ao leitor uma espécie de indução à fuga ou a mero dandismo intelectual. Creio, contudo, que dificilmente este será o caso, em se tratando de uma fuga na direção de Machado de Assis.

O Senado na memória machadiana aparece como uma *velha casa*. Vale dizer, como uma instituição que, na altura (1860), embora contasse apenas com pouco mais do que três décadas de idade, já tinha uma aparência vetusta, garantida pelo princípio da vitaliciedade dos mandatos. Na lógica institucional do Império, os mandatos dos senadores eram vitalícios, o que fazia da casa inevitavelmente uma espécie de antecâmara da morte. Os senadores eram escolhidos pelo imperador, a partir de listas com nomes escolhidos pelos eleitores em cada província. Cada uma delas terá no Senado um número de representantes equivalente à metade dos seus deputados. O Senado do Império, portanto, não possuía qualquer fundamento federativo. Trata-se de uma casa que, combinada com o Conselho de Estado – também vitalício – configurava os chamados *baús da tradição* e que, em última análise, gravita em torno de seu único eleitor: o imperador.

Assim, entre os senadores evocados pela memória de Machado *não poucos eram contemporâneos da Maioridade* (1840), *alguns da Regência* (1831-1840), *do Primeiro Reinado* (1822-1831) e *da Constituinte* (1823-1824). *Tinham feito ou visto fazer a história dos tempos iniciais do regime, e eu era um adolescente espantado e curioso.*

A idade desse bizarro conjunto de seres humanos conferia-lhes uma certa aura de superioridade diante da vida comum: *Achava-lhes uma feição particular, metade militante, metade triunfante, um pouco de homens, outro pouco de instituição.* Ao que Machado de Assis contrapunha um impiedoso exercício de desmistificação: *Paralelamente, iam-me lembrando os apodos e chufas que a paixão política desferia contra alguns deles, e sentia que as figuras serenas e respeitáveis que ali estavam agora naquelas cadeiras estreitas não tiveram outrora o respeito dos outros, nem provavelmente a serenidade própria. E tirava-lhes as cãs e as rugas, e fazia-os outra vez moços, árdigos e agitados. Comecei a aprender a parte do presente que há no passado, e vice-versa.*

Ao retirar-lhes as cãs e as rugas, os senadores do Império revelam-se a Machado de Assis tal como são: personagens dotados de vícios e virtudes ordinárias. O parlamento, aqui, é um cenário do governo de poucos. O vocábulo grego que designa essa circunstância – oligarquia – no texto de Machado descreve um universo autônomo e auto-suficiente. Movido à retórica, esse mundo basta-se a si mesmo. Não há o lado de fora. Ou melhor, há as galerias, como lugar a ser ocupado pelos curiosos que vivem do lado de fora. Nesse ponto, como em tantos outros, a pena de Machado nos proporciona um ensinamento tão inestimável quanto desconsiderado: o da importância de observar o mundo parlamentar do ponto de vista das galerias.

Desse ângulo sugerido, a vitaliciedade do Senado, por exemplo, *dava àquela casa uma consciência de duração perpétua, que parecia ler-se no rosto e no trato de seus membros. Tinham um ar de família, que se dispersava durante a estação calmosa, para ir às águas e outras diversões, e que se reunia depois, em prazo certo, anos e anos. Dissentiam sempre, mas é próprio das famílias numerosas brigarem, fazerem as pazes e tornarem a brigar; parece até que é a melhor prova de estar dentro da humanidade.*

Esse mundo, segundo a retina de Machado, é constituído pelos feitos retóricos e pelas artimanhas individuais dos senadores. Daí o fato de que a descrição que recolhemos em Machado de Assis nos diga dos talentos e características va-

RENATO LESSA

Visões valem o mesmo que a retina em que se opera. Com a frase, Machado de Assis acolhe a imagem de algumas litografias de Sisson, a respeito do Senado do Império do Brasil, de 1860. Leitor de Michel Montaigne e de Blaise Pascal, Machado sabe que o custo de acesso humano ao mundo da experiência é a nossa inapelável dependência dos falíveis órgãos dos sentidos e das, a um só tempo, arbitrarias e criteriosas faculdades da memória. Assim, as imagens de Sisson devolvem a Machado de Assis os anos iniciais de seu exercício como jornalista, do recém-criado – em 1860 – *Diário do Rio de Janeiro*. Mas, se as visões sustentam-se nas retinas, tal como sustenta o céptico em questão, as imagens dizem o que revelam nossos olhos: o político verá nas litografias de Sisson *a alma de correligionários extintos*; o historiador, *elementos para a história*. O homem comum, ou, simplesmente, o *curioso*, reco-



“O texto de Machado de Assis, ora evocado, é a célebre e bela peça de memória intitulada *O Velho Senado*”



“Na lógica do Império, os mandatos dos senadores eram vitalícios, o que fazia da casa uma espécie de antecâmara da morte”



“A pena de Machado nos proporciona um ensinamento: o da importância de observar o mundo parlamentar do ponto de vista das galerias”

lherá tão somente o *pitoresco do tempo com aquele tom geral que dão as coisas mortas e enterradas.*

O texto de Machado de Assis, ora evocado, é a célebre e bela peça de memória intitulada *O Velho Senado*. Nela, o jovem redator registra a rica e olímpica fenomenologia do mundo parlamentar da câmara alta da monarquia brasileira nos anos iniciais da década de 1860. A lógica e os desígnios de nossos mecanismos de associação de idéias são insondáveis. Assim, para Machado, as litografias de Sisson o levam ao Senado, versão 1860; para mim, o Senado, versão 2001, leva a Machado. Como atenuante, devo lembrar que Machado de Assis foi um observador agudo e regular da vida política brasileira. Em particular, o mundo parlamentar atraía sua atenção, com certeza pela sua capacidade de condensar em poucas pessoas o vasto âmbito da falibilidade humana. O vocabulário jurídico, como sabemos, designa tal condensação com o asséptico termo *representação*.

riadas desses indivíduos: a retórica dura de Zacarias, a decrepitude de Itanhaém – *uma razão visível contra a vitaliciedade do Senado* –, os bigodes de Caxias ou o porte físico de Paranhos. Os exemplos são numerosos. Como de hábito, a acuidade na descrição está a serviço da fina e mortal ironia: há um quê de inutilidade no Senado. Explico: a descrição dessa “*velha casa*” não privilegia qualquer elemento produtivo. O Senado é tão-somente uma ocasião para o desempenho de papéis que, em última análise, derivam das personalidades dos que os executam. Se o Senado não representa a nação, os senadores representam-se a si mesmos ou até mesmo super-representam-se, quando levam-se mais à sério do que devem. A ironia adquire feição dura com o desfecho de *O Velho Senado*. Após detalhada e perspicaz análise dos diferentes atributos dos personagens que compõem o teatro do Senado, e da menção copiosa dos atores que sucedem-se do tempo, Machado focaliza o *impagável senador* d. Manuel de Assis Mascarenhas – *um homenzinho seco e baixo, que resolveu falar sem parar em uma sessão e que sugeriu aos colegas que tivessem mais o que fazer que se ausentassem da mesma – e conclui abruptamente:*

E após ele vieram outros, e ainda outros. Sapucaí, Maranguape, Itaiúna, e outros mais, até que se confundiram todos e desapareceu tudo, coisas e pessoas, como sucede às visões. Pareceu-me vê-los enfiar por um corredor escuro, cuja porta era fechada por um homem de capa preta, meias de seda preta, calções pretos e sapatos de fivela. Era nada mais nada menos do que o próprio porteiro do Senado, vestido segundo as praxes do tempo, nos dias de abertura e encerramento da assembleia geral. Quanta coisa obsoleta! Alguém ainda quis obstar a ação do porteiro, mas tinha o gesto tão cansado e vagaroso que não alcançou nada; aquele deu a volta à chave, envolveu-se na capa, saiu por uma das janelas e esvaiu-se no ar, a caminho de algum cemitério, provavelmente. Se valesse a pena saber o nome do cemitério, iria eu catá-lo, mas não vale; todos os cemitérios se parecem.

O tema do Senado volta a ocupar Machado de Assis em algumas crônicas publicadas ao longo da última década do século XIX. Nelas, a escolha das galerias como ponto de observação do mundo parlamentar é notável: *Na galeria, é meu costume dividir o tempo entre ouvir e dormir. Até certo ponto, velo sempre. Daí em diante, salvo rumor grande, apartes, tumulto, cerro os olhos e passo pelo sono. Há dias em que o guarda vem bater-me no ombro.*

Nesse jogo de envolvimento e ironia, a Câmara de Deputados é apresentada como dotada de maior vivacidade. Nas suas galerias, é mais difícil dormir. Poder dormir, afinal, aparece para Machado de Assis como um curioso índice de avaliação da qualidade da política. Mas, *no Senado, nunca pude fazer a divisão exata (entre sono e vigília), não porque lá falassem mal; ao contrário, falavam geralmente melhor que na outra Câmara. Mas não havia barulho. Tudo macio. O estilo era tão apurado, que ainda me lembro certo incidente que ali se deu, orando o finado Ferraz, um que fez a lei bancária de 1860. Creio que era então ministro da Guerra, e dizia, referindo-se a um senador: “Eu entendo, sr. presidente, que o nobre senador não entendeu o que disse o nobre ministro da Marinha, ou fingiu que não entendeu”. O Visconde de Abaeté, que era o presidente, acudiu logo: “A palavra fingiu acho que não é própria”. E o Ferraz replicou: “Peço perdão a V. Exa., retire a palavra”. Ora, dêem lá in-*

“Trata-se agora de discutir a qualidade do ruído que é proporcionado pelo Senado às galerias”



“O interesse público parece ter lugar na agenda brasileira quando há evidências de que está sendo agredido”



“Machado de Assis talvez perguntasse: cassados os indecorosos e punidos os meliantes, o que fazer agora?”



teresse às discussões com estes passos de minúete! Eu mal chegava ao Senado, estava com os anjos. Tumulto, saravada grossa, caluniador para cá, caluniador para lá, eis o que pode manter o interesse de um debate. E que é a vida senão uma troca de cachações?”

Mesmo o Senado republicano teria preservado para Machado de Assis condições convidativas ao bom sono nas galerias: *O Senado, apesar da troca de regime e do mínimo da idade, há de ser sempre a antiga Sibéria, pelo próprio caráter da instituição.*

O Senado, versão 2001, transformouse em abrigo pouco adequado ao sono nas galerias. Ao fazê-lo, afasta o irônico e benigno cenário desenhado por Machado de Assis. Nele, a possibilidade do sono está garantida, mais do que pelas maneiras refinadas do decoro e pelo fato de que *tudo é macio*, pela relativa irrelevância daquele mundo parlamentar. É como nada de extraordinário pudesse ser esperado ou temido: o parlamento é um lugar no qual parlamentares se entretêm, e as galerias observam, alternando diversão e sono. Machado é um céptico, mas não um cícnico: o elogio do sono é uma cunha crítica que está a perguntar: que política é essa que nos faz dormir?

A transformação do Senado da República em uma arena crescentemente voltada para sua auto-investigação altera os termos da pergunta: que política é essa que apavora as galerias? Se Machado parecia exigir um pouco mais de heroísmo e ressonância na política, trata-se agora de discutir a qualidade do ruído proporcionado às galerias. Ao buscar respostas para isso, encontramos, curiosamente, sobrevivências do mundo machadiano. O Senado, de certa forma, é a Sibéria: uma casa que, ainda que não vitalícia, contém portadores de mandatos longos e cuja relação tem um quê de *ar de família*. O tamanho reduzido – se comparado à Câmara – possibilita uma forma de interação que inibe o anonimato e exponencia a dimensão individual. As relações entre bancadas e blocos não eliminam a centralidade de relações face a face, pessoais e diretas. O Senado, enfim, é composto por personalidades.

Mais do que isso, o Senado parece não ter o lado de fora e, tal como a *velha casa*, recria o mundo com base em mecanismos retóricos. É importante levar em conta que o quadro mais amplo de subordinação do Legislativo ao Executivo – o mais acentuado entre as democracias contemporâneas – em nada contribui para a redução dos graus de autismo senatorial. Essas virtualidades são agravadas por dois fatores altamente destrutivos: a erosão da política através de sua subordinação ao tema da moralidade e a transformação do Senado em uma arena sob suspeita e condenada à auto-investigação.

Que a linguagem da política tenha sido dissolvida na moral, isso fica patente quando o atributo da honestidade ganha foros de virtude política suficiente. Fica evidente, ainda, no fato de que os momentos de maior visibilidade na história recente do Senado tenham sido ocupados por senadores que, contra fortes evidências, em contrário, fazem do desempenho de suas funções públicas uma ocasião para demonstrar suas pretendidas virtudes privadas. Dito de outra forma, o tema do interesse público parece ter lugar na agenda brasileira apenas quando há evidências de que ele está sendo agredido.

É evidente que o Senado está sendo obrigado pelas galerias a exibir-se, a auto-investigar-se. Mas creio poder afirmar que Machado de Assis não atribuiria nenhuma consequência cívica extraordinária a essa inevitabilidade. O espetáculo ora ofertado às galerias pode tão-somente configurar e estimular uma modalidade de gosto político que clama pela punição dos ímpios ao mesmo tempo que zomba dos ares de vestal dos juizes de plantão. Em outras palavras, a coalizão entre defesa de uma moralidade impoluta e a transformação do Código Penal em salvaguarda republicana é insuficiente e enganosa. Machado de Assis talvez nos perguntasse: cassados os indecorosos e punidos os meliantes, o que fazer agora? Essa singela pergunta está fora do alcance dos personagens que conduzem da *casa velha*. O escândalo ético da República nos impede de ver que os que dizem dirigi-la parecem clones do senador d. Manuel de Assis Mascarenhas.